

Educação para os afetos no pré-escolar: narrativas dos pais

(Educating affections in preschool: parents' perspectives)

Carmo Cunha, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal
Carina Parente, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação do Porto, Portugal
Luísa Ramos Santos, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender as percepções dos pais acerca da educação para os afetos e sexualidade no pré-escolar, quanto ao seu papel, à comunicação entre pais e filhos e à importância de uma abordagem saudável da sexualidade no pré-escolar.

Neste estudo foi utilizada metodologia de natureza qualitativa, que privilegiou o focus group como instrumento de implementação e recolha de dados, complementado com entrevista semiestruturada. A amostra foi constituída por nove pais (oito do sexo feminino e um do sexo masculino) envolvidos no projeto de educação sexual Manta dos afetos desenhado e operacionalizado numa turma de crianças com 4-5 anos que frequenta o pré-escolar no norte de Portugal. A entrevista foi aplicada a quatro pais dessa amostra. No tratamento e análise de dados recorreu-se à análise de conteúdo. Os resultados revelaram que os pais reconhecem a pertinência de uma abordagem da sexualidade e dos afetos desde tenra idade e apontaram temáticas a tratar. Além disso identificaram dificuldades e constrangimentos sentidos neste âmbito. Este estudo evidencia o interesse dos pais em educarem para a sexualidade desde cedo e no envolvimento direto no trabalho realizado pela escola nesse domínio.

Palavras chave: focus group, parentalidade positiva, pré-escolar, sexualidade, saúde

Abstract: The purpose of this article is to understand the parents' perceptions about preschool sexual education, studying its role, parent and children communication and the healthy approach of sexuality in different educational contexts.

In this study we used qualitative methodology, which favored the focus group as an implementation and data collection tool, along with a semi-structured interview. The sample consisted of nine parents (eight female and one male), that were a part of the sexual education project "The affection blanket", designed and put into practice on a class composed of preschool children 4-5 years-old in the north of Portugal. Four parents, part of the sample, were interviewed. A content analysis was used to identify core themes and categories. The results revealed that parents recognize the relevance of an early approach to sexuality and pointed out topics to be dealt with. Besides, they identified difficulties and constraints felt during the process. This study shows that the parents have an interest on educating their children towards sexuality from an early age and want to be directly involved in the work developed by the school in this field.

Keywords: focus group, positive parenting, preschool, sexuality, health

Introdução

A função parental é central por exercer um efeito determinante no crescimento e no desenvolvimento dos mais novos (O'Connor & Scott, 2006; Kumpfer & Alvarado, 2003). Assim, partimos do pressuposto que a educação para a saúde, em particular no que respeita aos afetos e à sexualidade, cabe a todos os agentes educativos, uns fazendo-o de maneira formal, através de estratégias educativas conscientes e intencionadas, e outros de modo informal, transmitindo através de valores, atitudes, silêncios e práticas de vida quotidiana, os modelos e representações próprias sobre a temática. Neste sentido, urge fazer-se um trabalho exploratório e de proximidade com os principais intervenientes no processo: as crianças, a família e a comunidade educativa.

Investigadores e profissionais de saúde reconhecem a relevância do papel da família e das instituições educativas desde a primeira infância para a promoção da saúde e a prevenção das doenças (Anderson & Bury, 1988; Cohen & Wills, 1985; Kazak, 1989 citados por Pequegnat & Szapocznik, 2000). Assim, é de realçar que o envolvimento parental no contexto-escola pode atenuar desvantagens e melhorar a equidade, dado que uma melhor *performance* de uma criança pode derivar de um apoio mais eficaz em casa. No fundo, procura-se enfatizar que a educação

parental fortalece a capacidade da família e as competências dos pais para preservarem o ambiente familiar positivo adequado à promoção do desenvolvimento global e integrado da criança, apoiando-os na resposta aos desafios que estas colocam no dia-a-dia e proporcionando contextos de promoção de uma parentalidade positiva. De uma forma geral, a parentalidade representa um processo caracterizado por expectativas, dúvidas, desejos e inquietações. Nem sempre os pais conseguem lidar com a exigência que o exercício da parentalidade pressupõe, surgindo as redes de apoio como um suporte emocional e de informação e ainda como espaço para partilha de experiências e situações comuns.

No seguimento do acima mencionado, considera-se a infância como um período favorável à abordagem de temas relacionados com a afetividade, a sexualidade saudável, a igualdade de género, a prevenção e combate à violência doméstica e à não discriminação (Hokuzawa, 1993; Roffman, 2002; Woody, 2002; Lai & Lo, 2004; Luk, 2005, citados por Lai, 2005). Neste âmbito, em Portugal, a lei-quadro da educação pré-escolar considera esta como complementar da ação educativa da família e defende que o trabalho conjunto tem um efeito positivo para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos adultos que desempenham funções na educação das mesmas, atribuindo especial importância à educação para a cidadania, para a multiculturalidade e para a saúde por contribuírem para o bem-estar e qualidade de vida das crianças.

Atualmente em diferentes contextos educacionais é colocada uma tónica mais acentuada nas questões relacionadas com a afetividade e a sexualidade. Contudo, no ensino regular a implementação da lei 60/2009 e da portaria n.º 196 – A/2010, no âmbito da educação para a saúde em contexto escolar, não é uma realidade transversal a todos os estabelecimentos de ensino e não contempla o ensino pré-escolar, apesar da educação parental ser fundamental, devendo acontecer desde tenra idade da criança.

Por um lado, a educação sexual na primeira infância é frequentemente considerada como controversa (Stone, Ingham & Gibbins, 2013), por outro a família é considerada o contexto com maior impacto no desenvolvimento da identidade e no comportamento sexual desde tenra idade, embora tendencialmente as perceções dos pais revelem alguma confusão entre comportamento sexual saudável da criança e prática sexual (Sciaraffa & Randolph 2011). Mais tarde surgem a escola e outros agentes sociais cujo contributo é igualmente importante (Counterman & Kirkwood, 2013; Morawska, Walsh, Grabski & Fletcher, 2015).

A evidência empírica indica que os pais e educadores estão interessados em educar os filhos sobre a sexualidade e simultaneamente os profissionais de saúde reconhecem o seu contributo para a prevenção da infeção pelo VIH e outras IST. Todavia, tanto pais, como educadores se mostram hesitantes em lidar com comportamentos relacionados com a sexualidade devido ao seu próprio nível de desconforto, à prevalência de abuso sexual de crianças, e ao estigma associado a este assunto (Sciaraffa & Randolph 2011). Muitos pais assumem sentir dificuldade em responder às perguntas das crianças sobre a sexualidade, e o mesmo acontece com muitos educadores de infância. Alguns têm opiniões negativas sobre a sexualidade ou consideram que há informação que não se adequa a determinadas idades; outros optam por esperar que seja a criança a fazer perguntas ou iniciar conversas, podendo dar ou não resposta às preocupações tácitas das crianças (Stone, Ingham & Gibbins, 2013; Morawska, Walsh, Grabski & Fletcher, 2015; Tye, 2015).

Os professores, por um lado, consideram que gostariam de receber formação específica na área da sexualidade, justificando que quanto melhor conhecerem o desenvolvimento sexual da criança, mais conforto sentirão na abordagem desta temática com as crianças, os seus pais e outros agentes educativos (Wilson, Dalberth, Koo & Gard, 2010; Counterman & Kirkwood, 2013). Tye (2015) considera que seria preferível que os pais partilhassem honestamente o desconforto respondendo às questões da criança, encorajando outras questões igualmente constrangedoras no futuro, já que se reagirem negativamente a uma pergunta de índole sexual podem impedir que o seu filho faça perguntas adicionais (Tye, 2015). Ao longo do tempo, a investigação qualitativa e, especificamente, o *focus group* têm sido usados para elucidar perspetivas e atitudes dos pais em relação à educação sexual dos filhos desde tenra idade, tal como é demonstrado em estudos desenvolvidos por Geasler, Dannison e Edlund (1995) que recorreram ao *focus group* para analisar as perceções de 28 pais de crianças sobre educação para a sexualidade. Averiguaram que as preocupações evidenciadas pelos pais prenderam-se com o momento para a implementação da educação sexual, a influência social na

definição desse momento, o conforto na abordagem com os seus filhos mas não com outros, as diferenças de género, a expectativa em conseguirem ser mais eficazes do que os seus próprios pais no desempenho deste papel, tendo sido evidente uma discrepância entre a sua experiência enquanto filhos comparativamente com a experiência enquanto pais no que se refere à educação para a sexualidade.

Ballard e Gross (2009) conduziram quatro momentos de *focus group* com 25 pais com crianças de tenra idade para analisar as suas perspetivas relativamente à comunicação pais-filhos sobre sexualidade. Os resultados demonstram que estas sessões permitiram aos pais apresentarem as suas experiências e construírem um sistema de entreajuda.

À semelhança dos autores anteriormente citados, Wilson, Dalberth, Koo e Gard (2010) exploraram as atitudes e as experiências de 131 pais de crianças dos 10 e os 12 anos residentes em três cidades pertencentes a diferentes regiões dos EUA através da dinamização de 16 momentos de *focus group* acerca da comunicação pais-filhos sobre sexualidade. Constataram que apesar de os pais concordarem que é importante falar com os filhos sobre sexualidade existem barreiras primárias, a saber, a perceção que os seus filhos são muito jovens e o desconhecimento face à melhor abordagem do tema. Além disso, consideram que uma relação pais-filhos positiva facilita a tarefa ao permitir tirar partido das oportunidades de debate desde muito cedo na educação dos seus filhos. Por último, a intervenção encorajou o diálogo entre pais e filhos sobre a sexualidade uma vez que permitiu aos pais aprofundar o conhecimento sobre o processo de desenvolvimento sexual da criança e identificar estratégias complementares da abordagem desta temática.

Stone, Ingham e Gibbins (2013) dinamizaram sessões de discussão focalizada com pais de crianças entre os três e sete anos no Reino Unido. A análise de conteúdo evidenciou um número significativo de barreiras na comunicação pais-filhos acerca da sexualidade, tais como: a necessidade de proteger a “inocência” das crianças, a dificuldade em definir um tempo e idade mais indicados para fornecer informação sobre a temática, o desconforto pessoal e, o medo da crítica e do julgamento social.

Em síntese, ao longo do tempo e em diferentes países do mundo, é notória a controvérsia existente ao nível da educação para a sexualidade e para os afetos na primeira infância, quer ao nível do enquadramento legal, quer ao nível social, bem como nas preocupações e dificuldades manifestadas pelos progenitores que assumem um papel primário e fundamental nesta área. Neste sentido, a nossa investigação empírica, tendo subjacentes algumas das ideias anteriormente mencionadas, orienta-se para a identificação de dúvidas, estereótipos, medos, necessidades presentes nos discursos dos pais da nossa amostra, procurando analisar a influência destes elementos na sua prática educativa relativamente à sexualidade.

Educação para os afetos no pré-escolar: projeto Manta dos Afetos

Com o intuito de abordar a educação para os afetos e a sexualidade através da articulação entre pais e escola na primeira infância, foi sendo desenhado e construído progressivamente e ao ritmo dos participantes o projeto Algodão Doce (GAF, 2015) adaptando-se as atividades aos seus interesses e de acordo com as suas apreciações. Este projeto de maior amplitude nasceu no Centro de Atendimento Psicossocial VIH/SIDA do Gabinete de Atendimento à Família (GAF), onde foram identificadas necessidades ao nível da promoção da saúde e prevenção da infeção por VIH e outras IST no concelho de Viana do Castelo e desenvolveu-se em parceria com a Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Este projeto está a decorrer desde o ano de 2013 e, apesar de ser uma intervenção estruturada, concebeu-se como flexível possibilitando a sua adequação às necessidades de diferenciação e individualização dos elementos de cada grupo. Foi construído tendo por base as perspetivas ecológicas e sistémicas, as perspetivas narrativas e do construcionismo social e a psicologia positiva.

Neste contexto foi desenvolvido no ano letivo 2014/2015, a um nível mais específico, o Projeto Manta dos Afetos implementado numa turma com crianças de 4 e 5 anos e seus pais. A ação decorreu no espaço educativo do pré-escolar, com uma amostra de dezoito crianças (onze raparigas e sete rapazes). A Manta dos Afetos apresentava os seguintes objetivos gerais:

■ Proporcionar às crianças uma descoberta informada e responsável da sexualidade e dos afetos, quer individualmente, quer no grupo turma

■ Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais nas crianças e na família

Ao longo de quatro meses de implementação, entre março e junho de 2014, foram dinamizados 10 momentos de aprendizagem pela ação. Cada encontro correspondeu a um dia letivo de atividade - período entre as 9 horas e as 15h30m, que frequentemente se estendeu por um período mais lato de tempo devido à consolidação de algumas atividades práticas com as crianças. As diferentes abordagens realizadas incidiram sobre temáticas como a descoberta do corpo e o conhecimento de aspetos alusivos à anatomia humana, a identidade sexual: ser menino ou menina, perceção de semelhanças e diferenças e as representações associadas ao género; conceito de família e tipologias; os fenómenos da conceção, gestação e parto. Neste processo as crianças foram as verdadeiras protagonistas, ou seja, após a discussão de cada temática com os pais, o educador de infância colaborava com a equipa do projeto em contexto de sala de atividade. Muitas vezes foi dada continuidade ao trabalho no ambiente familiar, através de propostas de realização de atividades entre pais e filhos que visavam fortalecer as vivências e saberes construídos no jardim-de-infância e simultaneamente dar conta aos pais dos conteúdos que iam sendo trabalhados no espaço escolar e como estes eram abordados (Cunha, 2015).

De salientar que para efeitos do presente artigo apenas serão apresentados resultados relativos à intervenção com os pais que participaram no Projeto Manta dos Afetos e que simultaneamente participaram no *Focus Group* com pais, não sendo possível aludir a toda a abrangência do projeto em causa.

Metodologia

Fundamentação do método- metodologia de investigação qualitativa

Tendo por base o objetivo geral do presente estudo – aceder às perceções dos pais que participaram no Projeto Manta dos Afetos - recorreu-se à metodologia de investigação qualitativa. Ao se penetrar o campo da subjetividade, a metodologia qualitativa permite explorar um leque diversificado de informações pertinentes e capturar perceções pessoais e sociais, entre linhas, pausas, expressões que apenas são perceptíveis em entrevistas, na observação e no contacto direto com o público-alvo. Desta forma permite encontrar significados, dando ênfase a todo o processo em detrimento dos resultados e da quantidade (Ribeiro, 2007), já que a sua maior preocupação se prende com o objeto de estudo, procurando perceber a realidade através do ponto de vista dos envolvidos e assim atribuir sentido aos fenómenos (Neves, 1996).

Partindo do pressuposto que os objetivos são formas de orientar e nortear a fim de se alcançar o alvo da investigação (Randolph & Posner, 1992), é nossa pretensão com este estudo analisar a pertinência da promoção da educação para os afetos e sexualidade na primeira infância.

Assim, procurou-se aceder às perceções dos pais que participaram no Projeto Manta dos Afetos relativas:

- à comparação entre a educação sexual recebida dos seus progenitores e a prática educativa adotada com os filhos
- ao papel que desempenham enquanto educadores principais dos seus filhos sobre a sexualidade desde os primeiros anos
- às temáticas prioritárias a abordar com as crianças desde a primeira infância
- às dificuldades sentidas na abordagem junto dos filhos
- à pertinência da intervenção direta com as crianças com 4-5 anos que frequentam o pré-escolar, com o envolvimento efetivo dos pais

As características referidas por Bogdan & Biklen (2007) foram seguidas nesta investigação qualitativa: privilegiou-se o ambiente natural para facilitar o diálogo e reforçar a ideia que as temáticas só são perceptíveis se forem recolhidas no local onde ocorrem. Neste sentido, quer as entrevistas semiestruturadas quer as sessões de *focus group* se realizaram no jardim-de-infância que os filhos frequentam. Por outro lado foi relevado o significado que os pais, individualmente e em grupo,

atribuem às suas ações. Assim, o discurso ocupou o lugar central neste estudo. Os discursos proferidos pelos participantes foram recolhidos em suporte áudio durante a entrevista e em vídeo nas sessões de *focus group*, após obtenção de consentimento informado por escrito da totalidade, tendo-lhe sido garantida a confidencialidade e a utilização exclusiva dos dados para a investigação. Além disso, conferiu-se maior enfoque ao processo do que ao resultado, seguindo-se uma estratégia indutiva. Por último, o conhecimento foi sendo construído em função dos relatos das experiências dos pais.

Procedimentos metodológicos

Neste capítulo procuramos fazer uma breve caracterização da amostra e da metodologia de investigação utilizada, elucidando as razões que justificaram a opção por este tipo de procedimento.

Processo de amostragem e amostra

Procurando maximizar o conhecimento sobre a informação recolhida constituiu-se uma amostra aleatória, homogénea (exceto relativamente à variável género, reduzida representatividade do masculino) e representativa da população alvo do estudo.

Os critérios subjacentes à constituição da amostra do nosso estudo foram os seguintes: pais de crianças de 4-5 anos de idade que frequentam o ensino pré-escolar no setor público; terem autorizado que os seus filhos participassem no projeto Manta dos Afetos como população alvo direta; terem manifestado interesse e preocupação com a educação dos seus filhos ao nível da temática da sexualidade. Estes sujeitos foram, ainda, escolhidos pela proximidade com a investigadora, ou seja, por conveniência (Dommermuth, 1975 cit in Ribeiro, 2007).

De seguida é feita a caracterização dos pais que colaboraram com o estudo, de acordo com o género, idade, formação de base, categoria profissional e número de filhos que compõem a fratria:

Quadro 1 - Caracterização dos participantes

<i>Participante</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Habilitações literárias</i>	<i>Profissão</i>	<i>Fratria</i>
E1	34	F	Licenciatura	Educadora de infância	1
E2	47	M	12ºano	Técnico de vendas	2
E3	46	F	Licenciatura	Comercial	2
E4	33	F	12ºano	Assistente operacional	1
E5	34	F	9ºano	Empregada Fabril	1
E6	37	F	12ºano	Chefe de secção	1
E7	30	F	Licenciatura	Empregada	1
E8	38	F	12ºano	Assistente técnica	2
E9	34	F	Licenciatura	Administrativa	1

A nossa amostra incluiu nove pais – oito do sexo feminino e um sexo masculino, todos eles ativos profissionalmente, a exercerem funções em diferentes setores de atividade. Dos participantes, quatro completaram o ensino secundário, quatro frequentaram o ensino superior e um concluiu o terceiro ciclo. Quanto às idades dos entrevistados, estas oscilam entre 30 os 47 anos (média é 37 anos). A maioria dos pais participantes tem um único filho, contudo para três, o filho que participou no projeto Manta dos Afetos é o mais novo.

Recolha dos dados

De referir que num primeiro momento para a elaboração do guião de entrevista e para a dinamização das sessões do *focus group*, realizou-se uma revisão da literatura tendo por base os objetivos de investigação e os dados até agora recolhidos no estudo mais amplo sobre educação para os afetos e sexualidade no pré-escolar intitulado Projeto Algodão Doce, uma investigação-ação que privilegia o *focus group* como metodologia de implementação e recolha de dados. O presente estudo utilizou como instrumentos de recolha de dados: (1) a entrevista semiestruturada, com guião que permite a livre comunicação por parte dos entrevistados (Quivy & Campenhoudt, 1998), mas garante simultaneamente ao investigador a certeza de obter dados comparáveis entre os vários sujeitos do estudo (Bodgan & Biklen, 2007). Este foi aplicado a quatro desses nove pais para recolha dos seus discursos sobre o seu envolvimento na intervenção que teve como público-alvo direto os seus filhos com 4-5 anos de idade, tendo cada entrevista demorado entre 14 e 33 minutos. Foi previamente realizado um pré-teste para validar o guião; e (2) o *focus group* que permite através da discussão focalizada em pequeno grupo, mediada pelo investigador, aceder às necessidades dos participantes relativamente às áreas de pesquisa de acordo com os objetivos do estudo, criando sinergias e orientação para ação futura dos mesmos.

No fundo, pela sua tradição dialética, o *focus group* pressupõe a construção de conhecimento em espaços de grupos de trabalho que, apesar de estruturados, facilitam o diálogo entre os pais, a obtenção de informação relevante num curto período de tempo relativamente à disponibilidade, às lacunas e às barreiras em educação parental. Isto porque o *focus group* permite que os pais se envolvam e contribuam para a definição de estratégias que resultem em sucesso (Tipping, 1998; Hanson, 2011). Assim, na dinamização das oito sessões com pais (120 minutos/sessão; quatro sessões por ano letivo) apostou-se no recurso a estratégias dinâmicas e participativas que aprofundassem a discussão, a saber: *brainstorming*, vídeos, imagens, jogos didáticos, histórias. Neste sentido, foram criados materiais atrativos e variados, bem como as condições para a sua replicação (elaboração de materiais específicos para cada grupo-alvo e do guia de implementação e página eletrónica do projeto).

Importa salientar que previamente à implementação realizou-se uma sessão de apresentação do projeto junto dos pais, tendo nove destes aderido ao projeto na sua totalidade.

Tratamento e análise dos resultados

De acordo com Bardin (1995), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações que obrigam o investigador a partir de critérios que incidem sobre a organização interna do discurso. Desde modo, ao tratar-se de uma investigação de cariz descritivo e exploratório, a análise de conteúdo permite captar o sentido simbólico dos textos, reinterpretar as narrativas e compreender os significados atribuídos pelos participantes. Esta análise é composta por três fases: a pré-análise ou de organização do material recolhido após a transcrição é realizada uma leitura exaustiva dos discursos; a exploração do material que implica codificação e decomposição do material recolhido; o tratamento dos resultados que permite uma filtragem daquilo que realmente é importante para a investigação e passível de se transformar em categorias, pois a análise de conteúdo não é estanque e o processo de categorização permite separar elementos para depois organizá-los; a inferência e a interpretação (Bardin, 1977).

Posteriormente efetuou-se a transcrição integral dos discursos obtidos quer nas sessões de grupo quer nas entrevistas individuais. Após a transcrição procedeu-se à análise de conteúdo das narrativas que decorreu em função de uma exploração detalhada e analítica (fase de codificação). Este processo foi gradual e pouco linear, pautado por várias reformulações das Grelhas Categorias e teve a frase como unidade de registo para a construção das categorias e subcategorias.

Análise e discussão dos resultados

De forma a tornar mais compreensíveis os dados recolhidos nos discursos dos pais, serão apresentadas as perspetivas comuns e as perspetivas divergentes dos participantes. A sequência dos

tópicos na apresentação seguirá a estrutura da Grelha da Análise Categorical, resultante da análise das oito sessões de *focus group* e das quatro entrevistas realizadas, que será acompanhada de uma síntese reflexiva sobre os resultados encontrados, de acordo com as investigações e os temas abordados na fundamentação teórica deste estudo.

Tendo por base os objetivos do presente estudo, da análise do conteúdo dos discursos emergiram doze áreas temáticas, das quais se destacam as quatro que de seguida se apresentam. Estas no seu todo evidenciam oito categorias gerais. Estas categorias incluem diferentes subcategorias que a seguir serão exploradas.

Quadro 2 – Grelha de Análise Categorical dos dados relativos aos discursos dos pais

ÁREA TEMÁTICA	CATEGORIA GERAL	CATEGORIA ESPECÍFICA
<i>Comparação entre a educação recebida pelos pais e o seu desempenho no papel parental nesta área</i>	. Comunicação entre os pais e os seus filhos	. maior abertura e equilíbrio na relação pais-filhos
		. maior conhecimento acerca da temática da sexualidade
	. Comunicação entre os pais e os seus progenitores	. maior partilha entre pai e mãe atualmente
		. práticas díspares entre pai e mãe no passado
<i>Importância atribuída pela família à educação para a sexualidade desde o pré-escolar</i>	. Benefícios para a criança	. aumento da autoestima e autoconfiança
		. assertividade nas relações
	. Benefícios para os pais	. capacidade de proteção pessoal
		. ser eficaz na orientação dos filhos
	. Dificuldades sentidas pelos pais	. impacto dos media
		. ausência de orientação prévia sobre a temática
<i>Assuntos relativos à educação para a sexualidade a abordar no pré-escolar</i>	. autoconhecimento e conhecimento do corpo	. comparação com sexo oposto
		. masturbação
	. questões de género	
	. família e relações interpessoais	
	. valores e comportamentos sociais	. abuso sexual e outras agressões
		. importância do NÃO
. reprodução humana		
<i>Perspetivas sobre o projeto que visa a abordagem da sexualidade no pré-escolar</i>	. Abordagem da sexualidade nos 4/5 anos	. inadequada
		. adequada
	. Sentimentos iniciais	. positivos
		. negativos
	. Sentimentos após a implementação	. positivos
		. negativos

	. Estrutura do projeto	
	. Resultados alcançados com as crianças	. abertura e facilidade na comunicação
		. aprendizagens efetuadas
	. Resultados alcançados com os pais/família	. fortalecimento de relações entre pais e com a escola
		. antecipação de temas a abordar e atitudes a tomar no futuro com os filhos
		. com a escola
	. Continuidade do projeto	. pertinência
		. duração
		. intervenientes
		. assuntos
		. modalidade de implementação
		. disseminação
	. disponibilidade para participar	

Relativamente à comparação que os participantes efetuaram entre a educação recebida dos seus progenitores e a que estão a proporcionar aos seus filhos (primeira área temática), mencionaram que é ao nível da comunicação (categoria geral) que encontram as maiores diferenças. Três dos participantes consideram que a relação que estabeleceram com os seus filhos é mais aberta e mais equilibrada do que a que mantinham com os seus progenitores como se pode constatar pelas narrativas que se seguem:

E1: “ (...) vamos ter de falar/clarificar o quanto antes porque sei que não irei influenciá-la nas opções de vida”

E3: “É muito importante estabelecer o limite entre o respeito e o exagero/à vontade.”

E2: “Somos mais abertos agora do que antigamente”; “Não há receita, devemos lidar com cada situação do dia-a-dia. Se os pais demonstrarem respeito pelos filhos, eles também respeitarão os pais”; “A comunicação não se faz só pelo diálogo – Afeto, carinho com que lidamos com as coisas deles, jogar, falar sobre experiências de vida.”

Além disso, dois pais consideram que estão mais sensibilizados do que os seus progenitores para a importância de possuírem informação sustentada para garantir que a educação para a sexualidade dos seus filhos aconteça de forma satisfatória.

E3: “Hoje temos outro tipo de conhecimento/informação para educar os filhos”. Contudo, nem sempre nos sentimos à vontade para abordar determinadas áreas (e.g. homossexualidade).”

E4: “Importa respeitar as opções dos filhos (e.g. homossexualidade/orientação sexual).”

Quanto ao papel parental, dois pais defendem que é atualmente exercido de uma forma partilhada entre a mãe e o pai, sendo este último mais ativo pelo interesse manifestado na participação na prestação de cuidados aos filhos desde tenra idade, apesar de dois pais homens se mostrarem mais recatados no que toca à exposição do seu próprio corpo.

E1: “Os pais homens fazem muitas coisas, dar banho, mudar fraldas também é comunicar”. Estão mais presentes do que os mais antigos”; “O meu marido também, mas é por ser uma menina”

E6: “O meu marido é mais resguardado com o filho.”

No que toca especificamente à abordagem da sexualidade, três participantes consideram que

não receberam dos seus progenitores a orientação necessária, porém agora que detêm a responsabilidade de educar os seus filhos procuram adotar uma postura distinta. Em contrapartida, um afirma que os seus pais demonstram atualmente maior abertura até na exposição do seu próprio corpo, no desempenho do papel enquanto avós.

E3: “Os avós levam-no com eles para o WC, mas comigo e com o meu irmão não fizeram isso; (...) Quando éramos jovens era tudo tapado.”

E2: “Aos 13 anos, o meu pai deu-me uma revista da Playboy – a mulher é aquilo – objeto pornografia.”

E6: “Escondia-me tudo! Eu já sou diferente com o meu filho.”

Por outro lado, a relação de três das mães com a progenitora era e, ainda hoje, é mais próxima e de grande cumplicidade.

E4: “Ainda hoje.”

E7: “Falava de tudo.”

E3: “Quando dei o meu primeiro beijo fui a correr contar-lhe.”

Os relatos acima apresentados corroboram os encontrados por Geasler, M.J., Dannison, L.L., Edlund, C. J. (1995), principalmente no que toca à vontade de serem mais eficazes que os seus próprios pais no desempenho do papel parental ao nível da educação para a sexualidade. Além disso reforçam, tal como Sciaraffa & Randolph (2011), o impacto determinante do papel parental para o desenvolvimento da identidade e no comportamento sexual desde tenra idade.

No tocante à segunda área temática – Importância atribuída pela família à educação sexual desde o pré-escolar – surgiram três categorias gerais:

1. Benefícios para as crianças: consensualmente os nove participantes consideraram a promoção da autoestima e autoconfiança (*o corpo e o EU*); a assertividade nas relações (*respeito, amor, agir com naturalidade, abertura, sem Preconceitos, igualdade, muito afeto, carinho*) e a capacidade de proteção pessoal (*não ceder a tabus, não ceder ao medo, proteção*).

2. Benefícios para os pais: a totalidade da amostra concorda que a educação para a sexualidade facilita a aquisição de conhecimento/informação para dar respostas corretas às questões levantadas pelos seus filhos contribuindo assim para que estes considerem que podem proporcionar em conformidade uma orientação mais eficaz aos mesmos no âmbito da sexualidade desde a sua primeira infância.

3. Dificuldades sentidas pelos pais: mais uma vez a totalidade da amostra considera que o impacto dos *media* é negativo ao nível da educação no geral e da abordagem da sexualidade em particular, dificultando o desempenho do papel parental de acordo com o preconizado pelos pais, tal como afirma o seguinte participante:

E2: “É complicado lidar com coisas que a TV traz e que não são tão frequentes no nosso quotidiano – por exemplo a homossexualidade. (...) é difícil controlar/gerir o que os filhos assistem na TV, os programas são demasiado violentos, nem eu me sinto bem a vê-los.”

Além disso, uma outra dificuldade verbalizada por um dos participantes e que remete para os benefícios apontados relativamente aos pais, devido à total ausência de orientação prévia sobre a temática, conforme se pode constatar pelo discurso a seguir apresentado:

E6: “Surgiram-me muitas questões e dúvidas enquanto procurava explicar algo que ninguém me tinha explicado.”

Os dados apresentados anteriormente corroboram as conclusões de Stone, Ingham e Gibbins (2013); Morawska, Walsh, Grabski e Fletcher (2015) e, Tye (2015) por sublinharem a dificuldade em responder às crianças quando o assunto é a sexualidade, mostrando o seu desconforto. Paralelamente, vão ao encontro dos resultados obtidos por Wilson, Dalberth, Koo e Gard (2010) que consi-

deram como benefício para os pais o seu envolvimento e o seu total agrado em colaborar no projeto de educação sexual no pré-escolar, apesar dos seus receios iniciais. Sublinharam os ganhos alcançados no que toca à abertura de diálogo e proximidade com os seus filhos e uma maior capacitação para abordar e tratar as questões da sexualidade e dos afetos.

A terceira área temática – Assuntos relativos à educação para a sexualidade a abordar no pré-escolar – inclui cinco categorias gerais relativas aos temas trabalhadas no projeto quer com pais quer com as crianças, a saber: 1. autoconhecimento e conhecimento do corpo; 2. questões de género; 3. família e relações interpessoais; 4. valores e comportamentos sociais; 5. reprodução humana.

Relativamente à primeira categoria geral, a análise dos discursos dos participantes evidenciou dois assuntos a priorizar:

1.1. a comparação com o sexo oposto - que espelha o à vontade sentido pelos participantes no que toca às necessidades manifestadas pelas crianças com 4 e 5 anos relativamente à constatação das diferenças corporais entre rapazes e raparigas/homem e mulher.

E1: “Em casa andamos à vontade, a minha filha está mais do que à vontade no lidar com a diferença na exposição corporal.”

E3: “O meu vê o corpo da irmã e diz que só queria ser como ela porque tem mais coisas à disposição (ganchos, roupa).”

E4: “É normal que as crianças queiram ver e perceber as diferenças.”

E6: “O meu filho até me coloca creme e sabe tão bem.”

1.2. a masturbação - que segundo os participantes é uma questão delicada e algo perturbadora que exige uma preparação prévia dos pais (que nem todos tiveram acesso) e, mesmo quando esta existiu, admitem que nem sempre é fácil gerir os seus impulsos e o impacto do quadro de referências pessoais, por isso sublinham a importância da participação no *focus group*.

E1: “O meu primeiro impulso é dizer Não faças isso, mas depois penso Porquê impedir? e prefiro não valorizar. Tento controlar e pensar no mais adequado para o seu desenvolvimento. (...) Acompanhar o melhor que conseguirmos para os esclarecer, mesmo quando não temos conhecimento sobre o assunto, devemos procurar. Estas sessões têm sido muito úteis”, “Explicar em casa e não exacerbar”, “Sentir-se à vontade e reagir com naturalidade.”

E2: “Não evoluímos assim tanto em relação ao toque da criança – Não mexas aí, olha que levas uma palmada! Ainda é uma realidade. Os antigos/avós fazem isso.”

E3: “Eu desconhecia. É assustador.”

E5: “O corpo é nosso e há partes que temos que resguardar, como os pais fazem. (...) Toque não frequente, não lhe disse nada, fiz de conta que não vi nada. (...) O que importa é saber o que é normal. Eu gostei de ouvir, porque agora se acontecer aos meus, não ficaria sem saber o que fazer.”

A segunda categoria geral - questões de género - os pais defendem a igualdade de género, contudo, salientam algumas preocupações com o efeito do estigma relativamente a algumas opções menos sexistas que os seus filhos podem tomar.

E1: “Se ela gostar eu não me vou opor, embora o futebol não me seduz mas se ela se sentir feliz tudo bem.”

E2: “Explicamos diferenças entre o corpo masculino e o corpo feminino. (...). O futebol pode ser praticado por mulheres como pelos homens e não faz das mulheres menos femininas.”

E9: “Acho que não há mais bailarinos porque têm medo de serem gozados (...) Para mim o que conta é querer e gostar, porque vejo muitas crianças que praticam certas modalidades por moda. A filha de X anda, também tem que andar, mesmo que não goste.”

A análise dos discursos dos participantes evidencia a tipologia familiar e as relações

interpessoais (categoria geral três), tal como se pode constatar através dos discursos que abaixo se apresentam:

E3: “Explicar/falar sobre nós, dá-lhes segurança (...). Não têm que se sentir pressionados pelo amigo ter feito. (...) diferentes tipos de família de hoje em dia e a discriminação que há em relação a algumas, por exemplo: pai com pai, mãe com mãe.”

No que respeita à quarta categoria geral - valores e comportamentos sociais - emergiram da análise de conteúdo das narrativas dos participantes duas subcategorias: abuso sexual e outras agressões (E2 referindo-se ao crime abuso sexual de crianças: “A maldade está nos adultos, não é nas crianças”) e, a importância do estabelecimento de limites em função dos valores defendidos pelos pais:

E1: “Eles precisam de um NÃO, de limites. (...) Se ele quiser alguma coisa e eu não gostar terei que lhe explicar as vantagens e desvantagens e dar-lhe de experimentar e depois decidir.”

E2: “(...) pais mais permissivos (não obrigam, deixam a criança aprender com os próprios erros – por exemplo: a filha Tom Cruise) versus pais mais assertivos.”

E3: “Os afetos fazem-nos iguais e a maldade faz-nos diferentes (...) crianças imitam comportamentos e atitudes dos adultos – espelho do que se passa em casa. Daí a importância atribuída aos valores.”

Por último a quinta categoria geral - reprodução humana - na opinião unânime dos pais, todos os assuntos abordados são muito pertinentes, todavia, a tónica foi colocada no desenvolvimento dos tópicos “*Família e relações pessoais*” e “*Reprodução humana*” (75% dos entrevistados):

E4: “ (...) como é que nascem os bebés, como é que os bebés são feitos,... isto é muito bonito.”

Para Anastácio (2010) e Sciaraffa e Randolph (2011) trata-se de alguma insegurança e desconforto dos pais em abordar questões que escapam ao seu conhecimento técnico e científico, não reconhecendo o momento adequado para tratar estes assuntos, nem sabendo a melhor forma de os abordar (Anastácio, 2010).

A quarta área temática – Perspetivas sobre o projeto que visa a abordagem da sexualidade no pré-escolar – inclui sete categorias gerais, a saber:

4.1. Abordagem da sexualidade aos 4 e 5 anos: os resultados evidenciam, de forma expressiva, a pertinência de uma abordagem da educação para a sexualidade desde o pré-escolar e a adequação da sua implementação nesta faixa etária:

E1: “É um projeto essencial para a construção de uma base para a educação para a sexualidade (...) apercebi-me também que alguns dos assuntos abordados são já trabalhados com crianças desta idade, mas não os encarava nesta perspetiva.”

E2: “Gostei da implementação em tenra idade, sou a favor disso. Foi uma mais valia a minha filha passar por uma experiência nesta tenra idade para terem conhecimento da sexualidade.”

E4: “Tem de ser (...) quanto mais cedo melhor. Causa alguma estranheza, mas lá está, tem de haver informação.”

No seguimento do acima exposto e no entendimento dos pais, esta intervenção ganha sentido a partir da idade pré-escolar, sendo um período sensível para a construção e formação pessoal e social, na qual se inscreve a vertente da educação para os afetos e sexualidade (A. M. Marques, Vilar, & Forreta, 2002), tarefa reconhecida e preconizada nos documentos reguladores da organização curricular, como são as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar. É reforçada a posição de que tal intervenção deve contemplar uma ação articulada entre escola-família/pais, usufruindo do clima favorável ao diálogo e à interação que é criado entre educadores e pais de crianças neste nível etário (R. Marques, 2001):

NOME DA REVISTA

E1: “A família e os pais foram envolvidos de forma muito positiva com o trabalho desenvolvido na escola.”

E3: “(...) importante continuar com crianças e com pais: os dois em sintonia têm um efeito a cem por cento.”

4.2. Sentimentos iniciais: os pais reconhecem os constrangimentos iniciais e denunciam os receios que à partida sentiram, quer no que toca ao trabalho de *focus group* para pais, quer ao nível da implementação do projeto com os filhos:

E1: “(...) mas ao mesmo tempo, estava apreensiva pela incerteza do que poderia ser este projeto.”

E3: “(...) havia algum receio e até do que iríamos falar, que perguntas é que poderão sair, como vai ser este tema tratado... alguma insegurança, desconforto sinceramente.”

E4: “A primeira reacção foi pânico! Ai meu Deus, o que vão falar aqui, o que vão dizer aos nossos meninos, como é que vão explicar.”

4.3. Sentimentos após a implementação: após a implementação, os primeiros sentimentos despem-se dessa roupagem, uma vez que uma das vantagens da metodologia de *focus group* prende-se com a manifestação da opinião dos atores, o que facilita a compreensão das suas relações sociais em diferentes contextos onde elas acontecem:

E1: “Os pais que participaram nas reuniões foram sem dúvida uns privilegiados. Fico extremamente feliz por ter participado neste projeto.”

E3: “Sinto-me a nível pessoal muito enriquecida com tudo isto e só tenho a agradecer por ter participado num projeto desta grandiosidade.”

E4: “Depois (...) Acho que foi a melhor coisa que pode acontecer (...) Superou, era tudo novidade, adoramos!”

4.4. Estrutura do projeto: os participantes aludem à estrutura do projeto emitindo alguns pareceres quanto à conceção e planeamento do trabalho:

E1: “Este projeto foi concebido de forma muito organizada, bem pensada e fundamentada.”

E3: “Acho que foi muito bem conduzido: muito bem começado, foi bem planeado e muito bem terminado.”

E4: “(...) acho que as histórias e as conversas eram muito à maneira deles e eles entusiasmavam-se e entravam nas conversas.”

4.5. Resultados alcançados com as crianças: a maioria dos entrevistados refere que as suas crianças conquistaram uma maior abertura e naturalidade para falar, perguntar e procurar entender certas questões que colocam aos pais e para as quais gostam de obter resposta e esclarecimento. Tal como foi constatado por Marques, esse questionamento e forte curiosidade pelo saber são naturais nas crianças desta idade (A. M. Marques et al., 2002):

E1: “ (...) falava com muita naturalidade e respeito.”

E2: “ Para a (nome da criança) não ter vergonha de perguntar isto ou aquilo sobre sexualidade.”

E3: “ (...) porque a criança chega a casa, faz a pergunta e nós já estamos com capacidade de resposta.”

Mencionam ainda o alargamento dos conhecimentos nesta área, permitindo um maior esclarecimento e vontade de saber mais sobre os assuntos no âmbito da sexualidade. Marques, Vilar e Ferreira (2002) sublinham o quanto é importante que na fase do pré-escolar as crianças construam a sua própria identidade, através do melhor conhecimento do seu corpo, da reflexão das representações sociais de género, do valor dos afetos e do entendimento dos mecanismos da reprodução humana (A. M. Marques et al., 2002):

E1: “As crianças falavam sobre o que iam aprendendo.”

E2: “(...) ter conhecimentos da sua sexualidade.”

E4: “Foi muito positivo porque o (nome da criança) já sabe explicar coisas próprias da sua idade e se um adulto lhe fizer uma pergunta, um conhecido, ele responde e sabe muito bem aquilo que diz, absorveu tudo muito bem.”

4.6. Resultados alcançados com os pais-filhos: os pais participantes no *Focus Group* sublinham ainda as vantagens significativas que obtiveram ao longo do trabalho, designadamente ao nível das aprendizagens conquistadas, tendo contribuído para uma informação e formação mais adequadas:

E1: “(...) ouvir opiniões diferentes da nossa é fundamental, para percebermos que não existem verdades absolutas e que não existe uma única perspetiva ou forma de lidar com determinada situação.”

E3: “(...) havia coisas que eu nunca tinha ouvido falar, ligadas à situação da droga.”

E4: “Até nós adultos aprendemos muito.”

Referem a necessidade urgente de formação específica na área e a libertação do desconforto nessas matérias para assegurar um maior *empowerment* (Counterman e Kirkhood, 2013) e a desconstrução de alguns preconceitos herdados de um passado e de uma tradição, com vista a uma melhor compreensão e execução do seu papel parental, tal como proposto por Tye (2015):

E3: “Faço sobressair a informação adquirida para dar resposta a tipos de situação que vão aparecendo no dia a dia.”

E2: “Veio para libertar um bocado os pais dos tabus que vêm do passado (...) é uma coisa que se tem de falar, não guardar para si ou esconder. É aí que se começa e os pais que tiveram este projeto estão mais desenvoltos neste tema do que antes.”

Consideram ainda terem ganho competências científicas e comunicativas e uma preparação antecipada que reverterão numa maior capacitação em lidar com certos assuntos que poderão surgir ao longo do processo de desenvolvimento dos seus filhos, que é corroborado pelas conclusões de Wilson, Dalberth, Koo e Gard (2010):

E1: “Determinados pontos falados nas reuniões, como por exemplo as doenças sexualmente transmissíveis e as drogas, ainda não surgiram nas conversas com ela, mas considero que a partilha de opiniões e toda a fundamentação apresentada pelas monitoras serviram para me esclarecer e preparar para quando essa fase chegar.”

E3: “(...) porque se nós tivermos essa informação, se estivermos sensibilizados para as situações de uma forma mais forte, nós dizemos *Alto, tenho de falar com o meu filho, eu tenho de lhe explicar* (...) eu não teria respostas tão assertivas como tenho agora.”

E4: “Estão sempre a aparecer coisas novas e nós temos de estar sempre informados para informar os nossos filhos sobre o que pode acontecer.”

O fortalecimento das relações interpessoais e o reforço da interação escola-família são outros dos benefícios apontados com esta metodologia de investigação, tendo contribuído para a construção de um sentimento de pertença a um grupo e criação de uma rede social de apoio, tal como constatado por Ballard e Gross (2009). Através da interação e coconstrução, as experiências adquiridas ganham novo significado e oferecem uma base de sustentação para o exercício e a vivência de uma parentalidade positiva:

E1: “(...) o diálogo entre nós foi tão fluido, interessante e de uma partilha tão profunda que, sem nos darmos conta, tanto nos ajudou. Juntos debatemos temas que de certa forma eram constrangedores, mas a afinidade e cumplicidade que criamos desde cedo quebrou a vergonha. (...) e a escola criou meios que facilitaram o papel dos pais na abordagem destes assuntos.”

NOME DA REVISTA

E3:“(…) passamos ali momentos maravilhosos, era realmente incrível, onde estávamos à vontade para expor as nossas ideias, para falarmos até de experiências vividas... falámos de uma forma que toda a gente se sentiu bem, foram momentos únicos que vamos guardá-los com muito carinho.”

E4:“(…) aquele grupinho era tão unido, aquele grupo foi de amigos.”

No fundo, os discursos dos participantes enfatizam o clima de abertura e bem estar que vivenciaram, favorável à reflexão e à expressão de sentimentos:

E3:“(…) foi conduzido de forma acolhedora, tão simples, mas ao mesmo tempo tão tocante nos temas que foram abordados, foi marcante.”

E4:“(…) houve abertura, falamos ali sem tabus... sentimo-nos bem, o espaço era acolhedor, era tudo muito acolhedor.”

4.7. Continuidade do projeto: por todos os aspetos já mencionados, os pais não hesitam em defender a continuidade do projeto até aos 10 anos ou prolongado até à adolescência (a OMS considera a adolescência como o “período considerado entre os 10-19 anos, referindo que esta faixa etária abrange o tempo do início da puberdade até à idade legal da maioridade” (WHO, 1986, p. 11).

E1:“(…) este projeto deve continuar, se possível até aos 10 anos.”

E2:“(…) deve ser implementado sempre (...) as crianças têm sempre dúvidas, os jovens têm sempre dúvidas (...) aí até aos 18 anos.”

Recomendam uma abordagem dos assuntos de forma mais aprofundada, numa perspetiva de currículo em espiral, retomando os tópicos com um maior grau de complexidade e ajustados ao nível etário, interesses e necessidades dos sujeitos (Ostermann & Cavalcanti, 2010):

E1: “(…) dar continuidade aos assuntos, ajustando-os à faixa etária durante o crescimento das crianças.”

E3:“Teria de ser um trabalho diferente, com um nível mais exigente para a idade das crianças.”

Um dos pais sugere mesmo a criação de uma área disciplinar que contemple a educação para a sexualidade numa perspetiva integrada da Cidadania:

E2: “Acho que devia ser uma disciplina, uma área sobre cidadania e sexualidade.”

A satisfação patente em todos os intervenientes justifica a vontade dos pais na continuidade do projeto e na sua disponibilidade para manterem a participação no mesmo, legitimando a sua disseminação noutros estabelecimentos e a outros públicos:

E4: “Vamos continuar! Fazer a caminhada juntos outra vez, isto não pode terminar!”

E1:“(…) envolver toda a comunidade escolar num projeto comum.”

Conclusão

A título de conclusão importa mencionar que os resultados obtidos com o estudo piloto foram positivos e sublinham a pertinência desta intervenção junto dos intervenientes principais na educação infantil (escola-família), incluindo as próprias crianças.

Com o intuito de melhor explicar alguns dos resultados alcançados importa referir que os objetivos traçados para o projeto Manta dos Afetos foram alcançados, ressaltando nas crianças: a melhor aceitação do Eu e do Outro (respeito pela diferença, autoestima e autoconfiança), o fortalecimento das relações, o incremento dos conhecimentos, a mudança conceptual significativa e o enriquecimento do leque vocabular.

No tocante aos pais, as sessões de discussão focalizada fomentaram a partilha de experiências

criando-se uma base relacional positiva e empática, desenvolveu-se um sistema de entreajuda e identificaram-se estratégias mais adequadas e eficazes para falar com os seus filhos sobre a sexualidade e tudo o que ela implica ao longo do processo de desenvolvimento destes últimos. Isto porque os pais estão conscientes da importância de falar com os filhos sobre questões sexuais, olhando para o contexto em que o comportamento sexual ocorre e enfrentando com naturalidade as questões "inocentes" colocadas pelos seus filhos, tendo-se assim desvanecido o receio inicial sobre a precocidade da abordagem. Admitem ainda sentir desconforto, falta de informação e medo da crítica social mas, em simultâneo mostram interesse em se envolverem em ações que os ajudem a ultrapassar os sentimentos negativos e os preconceitos, porque acreditam que, em conformidade, irão conseguir desempenhar de forma mais positiva, assertiva e eficaz o seu papel parental. Neste sentido, consideram ter sido um privilégio participar neste projeto e concordam com os assuntos debatidos, atribuindo maior destaque à prevenção do abuso sexual, às manifestações sexuais das crianças e à promoção da autoestima e da imagem corporal positiva.

De acordo com o anteriormente mencionado, constitui um objetivo a desenvolver no futuro a promoção do conceito de "*Jardins de Infância amigos da Família*" através da formação de técnicos e educadores e da *criação de guiões de implementação e de materiais* para a intervenção com pais, crianças e educadores, contribuindo para a disseminação do projeto de educação parental referido.

REFERÊNCIAS

- Anastácio, Z. (2010). Educar para a sexualidade saudável: quem e que contributos? (pp. 17).
- Ballard, S.M. & Gross, K.H. (2009). Exploring Parental Perspectives on Parent-Child Sexual Communication. *American Journal of Sexuality Education*, Vol. 4, No. 1, pp. 40-57. doi:10.1080/15546120902733141
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Persona.
- Bardin, L. (1995). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições70.
- Bodgan, R. & Biklen, S. (2007). *Qualitative research for education. An introduction to theories and methods*. 5ª Edição. Boston. Pearson.
- Counterman, L., & D. Kirkwood (2013). Understanding Healthy Sexuality Development in Young Children. *Voices of Practitioners Vol.8*, No. 2
- Cunha, C. (Producer). (2015, julho 7). Educação para os afetos no pré-escolar (ficheiro em vídeo). Retrieved from <https://youtu.be/9nCDDYWXc18>
- Duarte, A., Veloso, L., Sebastião, J., & Marques, J. (2012). *Os Focus Group dinâmicos na sociologia da educação: virtudes e potencialidades*. Paper presented at the VII Congresso Português de Sociologia, Porto.
- GAF. (2015). *Projeto Algodão Doce*. Retrieved from 3 de agosto de 2015 do site <http://www.gaf.pt/projetos/algodaodoce/pt>
- Galego, C., & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o "focus group" como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 173-184.
- Geasler, M. J. ; Dannison, L.L. & Edlund, C.J. (1995). Sexuality Education of Young Children: Parental Concerns. *Family Relations*, Vol.44, No. 2, pp. 184-188.
- Hanson, B. (2011). Parenting Education Access & Barriers Parent Focus Groups Report. Prevent Child Abuse New York NYS. *Parenting Education Partnership Coordinator*
- Kakavoulis, A. (2001). Family and Sex Education: a survey of parental attitudes. *Sex Education*, Vol. 1, No. 2, pp. 163-174. doi:10.1080/14681810120052588
- Kumpfer, K. L., & Alvarado, R. (2003). Family-strengthening approaches for the prevention of youth problem behaviors. *American Psychologist*, Vol. 58, pp. 457-465. doi: 10.1037/0003-066X.58.6-7.457
- Lai, Y.C. (2005). An Exploratory Study of Parents' Perceptions of Teaching Sex Education in Hong Kong Preschools. *Paper presented at the AARE Annual Conference*, Sidney, Australia.
- Lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro de 1997, DR 34/97 - SÉRIE I-A Emitido Por Assembleia da República, consultada através do <http://www.iapmei.pt/iapmei-leg-03.php?lei=2388>
- Marques, A. M., Vilar, D., & Forreta, F. (2002). *Os afetos e a sexualidade na educação pré-escolar - um guia para Educadores e Formadores* (1ª ed. Vol. 23). Lisboa: Texto Editores.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Morawska A., Walsh A., Grabski M. & Fletcher R. (2015). Parental confidence and preferences for communicating with their child about sexuality. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, Vol.15, No.3, pp. 235-248. DOI:10.1080/14681811.2014.996213
- Morgan, D. L. (2010). Reconsidering the role of interaction in analysing and reporting focus group. *Qualitative Health Research*, 20, 718-722. doi: 10.1177/1049732310364627
- Neves, J. (1996). Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. Caderno de Pesquisas em administração, V.1, Nº 3, 2º SEM./1996.
- O'Connor, T.G., & Scott, S.B.C. (2006). *Parenting and outcomes for children*. York, UK: Joseph Rowntree Foundation.

NOME DA REVISTA

- Ostermann, F., & Cavalcanti, C. (2010). *Teorias de aprendizagem* (pp. 40). Retrieved from http://www.ufrgs.br/uab/informacoes/publicacoes/materiais-de-fisica-para-educacao-basica/teorias_de_aprendizagem_fisica.pdf.
- Pequegnat, W. & Szapocznik, J. (2000). *Working with families in the era of HIV/AIDS*. London: Sage Publications, Inc.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Randolph, W. Alan & Posner, Barry Z. (1992). *Planeamento e Gestão de Projectos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de Investigação em psicologia e saúde* Porto: Legis Editora.
- Sciaraffa, M., & Randolph, T. (2011). "You want me to talk to children about what?" Responding to the subject of sexuality development in young children. *Young Children*, 66, 32–38.
- Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). *Focus group: Considerações teóricas e metodológicas*. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190.
- Stone N., Ingham R. & Gibbins K.(2013). "Where do babies com from?' Barriers to early sexuality communication between parents and young children. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, Vol.13, No.2, pp. 228-240. doi:10.1080/14681811.2012.737776
- Tipping, J (1998). Focus groups: A method of needs assessment. *Journal of Continuing Education in the Health Professions*. Vol. 18, No 3, pp. 150-154. doi: 10.1002/chp.1340180304
- Tye, M. (2015). Sex Education, Pleasure, Pregnancy, and Disease Prevention [Ch Part A: Childhood and Adolescence]. *Sexuality and Our Diversity: Integrating Culture with the Biopsychosocial, Vol. 1.0* Flat World Education, Inc
- WHO. (1986). *Young People's Health - a challenge for society : report of a WHO Study Group on Young People and "Health for All by the Year 2000"*. Retrieved from Geneva: <http://apps.who.int/iris/handle/10665/41720>
- Wilson, E.K.; Dalberth, B.T.; Koo, H.P. & Gard, J.C. (2010). Parents' Perspectives on talking to preteenage children about sex. *Perspetives on Sexual and Reproductive Health*, Vol.42, No. 1, pp. 56-63. doi:10.1363/4205610

SOBRE O AUTOR

Carmo Cunha: Licenciada em Educação Pré-escolar pela Escola Superior de Educação de Viana do Castelo e mestranda no 2º ano do Curso de Promoção e Educação para a Saúde na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Colaboradora do Projeto Algodão Doce. Educadora de infância de um estabelecimento de ensino público de Viana do Castelo.

Carina Parente: Licenciada e Mestre em Psicologia do Comportamento Desviante e Justiça pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Perita em Avaliação Psicológica Forense. Exerce a sua atividade profissional no GAF – Gabinete de Atendimento à família de Viana do Castelo, enquanto psicóloga, responsável técnica do Centro de Atendimento Psicossocial VIH/SIDA, representante do GAF no Fórum Nacional para a Infecção por VIH e Sida (FNSC VIH e SIDA) e coordenadora do Projeto Algodão Doce. Além disso, é psicóloga do GEAV – Gabinete de Estudo e Atendimento a Agressores e Vítimas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Luísa Ramos Santos: Licenciada em Psicologia. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e da Educação e Doutora em Psicologia da Saúde pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Professora Coordenadora do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Escola Superior de Saúde. Coordenadora e Psicóloga na Unidade de Intervenção Sistémica, Gabinete Saúde. Supervisora do Projeto Algodão Doce.